Construindo sonhos

Carlos Vieira/CB/D.A Press

"Quando pequena, sabia que, se fosse a melhor aluna que eu poderia ser, teria mais oportunidades"

Kelly Quirino, professora universitária e consultora de gênero e raça

Kelly Quirino, 40, nascida em São Paulo, também vem se mobilizando em prol de lideranças femininas e estudos raciais. Para ela, a base sempre foi a educação. "Quando pequena, sabia que, se fosse a melhor aluna que eu poderia ser, teria mais oportunidades", conta.

Filha de uma mãe doméstica, hoje aposentada, e um pai alfaiate, ela passou pela universidade com esforço, trabalhando de dia e estudando durante a tarde e a noite. Embora tenha lidado com dificuldades, Kelly reconhece que ter tido acesso a uma escola pública de qualidade, a transporte, a posto de saúde, a água e saneamento, além das referências e apoio na família, foram fundamentais para ingressar no ambiente universitário, e dali avançar rumo a pautas que precisavam ser tratadas com urgência. "Infelizmente, reconheço também que muitos ficaram para trás. É como se eu fosse exceção", diz.

É no ambiente da universidade, que ela frequenta até hoje como professora do curso de comunicação, que Kelly passou a apurar a visão sobre racismo e começou a militar, no período em que se discutiam as cotas raciais. Com 22 anos, ficou mais nítido o porquê de alguns incômodos da infância. A leitura racial que não teve quando mais nova, ganhou forma: "Comecei a analisar que, quando estava na escola, cheguei a desenvolver conversação com negros, mas via poucos deles seguindo com os estudos. Na adolescência, sentia que os homens se aproximavam interessados em sexo, mas nunca em namorar — o que hoje vejo até com certo alívio, porque muitas meninas engravidaram na adolescência e eu poderia ter seguido por esse caminho".

Formação

Formada, Kelly entra para o Banco do Brasil, em 2007, onde construiu uma carreira sólida. Na instituição até hoje, ela trabalha com comunicação organizacional, com produção de conteúdo para os canais internos, organização de eventos e audiovisual. Traz para o ambiente as causas que advoga, como a representatividade negra.

Em 2015, conseguiu uma bolsa de um ano para estudar em Nova Orleans, nos Estados Unidos. Com o doutorado finalizado em 2017, surge a oportunidade de cursar liderança feminina. "As pessoas arrecadaram, por meio de doações, mais de R$ 20 mil para que eu pudesse fazer o curso", conta. Kelly passa a ser reconhecida como alguém influente nos estudos raciais no DF e em âmbito nacional.

Professora em duas universidades e assessora na área de comunicação do Banco do Brasil, transitar por espaços diversos ajuda Kelly a disseminar causas sociais. "Temos um grupo de afinidade de funcionários pretos no banco. Também pude estabelecer algumas políticas de diversidade dentro da instituição", conta. A jornalista é também mentora de meninas mais novas. Como professora universitária, participa de bancas de apresentação de trabalhos, norteando as pautas que mais tem afinidade. "Chance de criar oportunidade para os outros", define.